

Artes e imagens e sons

*Maria Morais (Proped UERJ)
Fernanda Mello (FFP/UERJ)*

"Para ver, escuta!"

*Chega-se ao fim. Sempre o fim
parece uma zona de
sombreamento cósmico, uma zoa.
Um lugar que não se pode ver a
olho nu. Para chegar ao fim é
preciso morrer. Então nunca
podemos de fato levar nada à
conclusão, a guisa da conclusão é
sempre provisória enquanto
houver vida. Marta Catunda*

SOMMOS DESMEDIDAS

Nesta edição, pedimos licença para uma homenagem póstuma para circular as ideias de uma vida dedicada à pesquisa dos sons nos cotidianos nos '*dentrofora*' da escola. Ideias que não chegam ao fim, apenas voam compondo infinitamente melodias.

Da Tese de Catunda, o "ABC dos encontros sonoros entre a educação e o meio ambiente", compusemos um acróstico com aforismos que encontramos a cada palavra que a autora destaca e problematiza ao longo do seu **abecedário**. Às vezes as palavras trazem conceitos encharcados de sentimentos, muitas vezes são cores, tantas outras, odores. Algumas vezes resplandecem, outras entoam lamentos, mas, principalmente, encantamentos. Toques suaves, que nos deslocam para outras paragens, aonde os seres sonoros que somos nos desmedimos, '*zoamos*', em muitas criações. Quer ver? Escuta!

M *É fácil acreditar que o sol **mora** aqui. Quando vai sumindo no poente a enorme bola da fogo, não há como duvidar. O sol mora aqui e adormece no poente Mato-Grosso lugar onde a imensidão devora continente. Nas noites invariavelmente quentes, o sol simula adormecer em luas, deitado na manta das estrelas pingentes, para então desvendar o espetáculo cotidiano da Via Láctea*

A ***Abertura**, plano de voo. A força/forma/movimento que corta ares com asas do espírito revolucionário, poema-processo, pedagogia do oprimido encontram-se aqui como inovação, enquanto houver processo, enquanto houver opressão.*

R *Tenho pensado na audição como um sentido de calibragem, onde/quando equilíbrio e orientação dão vida própria a uma corporeidade sensível, o corpo todo ouvido. Podemos ouvir um som simplesmente, mas quando nos detemos em um dado som/**ruído**/música, se queremos localizá-lo podemos dizer que é um evento que soa.*

T *Sim o **tempo**, matéria prima da música, volta sempre à tona. O tempo sempre me leva a devaneios imensos, como demora.*

A *Estar na **ambiência** é o momento que como uma folha, uma pedra, um grão de areia podemos perceber que somos parte do universo. Ainda que extremamente pequena essa parte é a ambiência que nos dá a noção de pertença, soma e resultado.*

C *Minhas ações mais íntimas têm reverberação no ambiente onde vivo. Não habito apenas da soleira da porta para dentro de minha **casa**, mesmo que fosse um molusco ou caracol, habito da pele pra dentro e o que me envolve da pele pra fora, vários meios.*

A *A oportunidade de desenvolver experiências simples no **aqui/agora**, como a sensibilidade dos estudantes, do fundamental ao universitário, em audições de campo dentro da própria escola. O ambiente pode ser redescoberto, pela visão, audição, o olfato e o tato.*

T

Fincada no silêncio da **Terra** uma voz. Na ressurreição da carne, moldando ares em devir. Não pode calar. Uma voz humana em amor ou generosidade capaz de reencantar o canto da terra. O canto humano que palmilha a terra e nela faz incursões salvadoras em silêncio esculpindo a dignidade entre os seres humanos. Basta ouvir os que eles têm a dizer. Essa argamassa sutil, só a escuta sensível do outro traz.

U

Durante muito tempo o **universo** era estreito para os sentidos, agora ele se expandiu para as redes comunicacionais, se encharcou, voou, decolou.

N

A **natureza** perpassada pelo outro é sempre renovada, como as folhas do outono também, pode ser dolorosa essa remoção. Afogueada pelos calores e intensidades humanas adquire a cor do fogo. Como as folhas que secam e caem. Não há apenas uma única natureza fora de nós, ou dentro de nós. Por isso na ecologia relacional há a possibilidade de desvendar inúmeras leituras do ambiente (dentro/fora), vários meios, sem negligenciar a profusão de paisagens humanas que proliferam aos nossos sentidos.

D

Todo dia nasce o tempo do aprender. Mas são as experiências diferentes que provocam marcos na repetição do **dia a dia** da educação porque podem desencadear mudanças transformadoras. Uma mudança só é transformadora quando provoca outras transformações, como reverberação, eco.

A

Educar não faz nenhum sentido se não puder **abranger** a inquietação, esta sim, formante do ser humano íntegro, autônomo por ser ativo e não apenas o ser humano escolarizado, porque sensível e expressivo de onde ele vem, onde ele está, para onde ele vai, sempre em transformação.

Referências:

CATUNDA, Marta. **A B C dos encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. Hipótese, SP. 2016.

Sobre as autoras:

Maria Morais - doutoranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais-FFP, membro do grupo Grpesq Currículos cotidianos, imagens e sons coordenado pela professora Nilda Alves/UERJ. Mestre em Educação pela UFJF. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas UNB-DF.

Fernanda Mello - doutoranda FFP/UERJ Doutoranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Educação pela mesma universidade (2017), especialista em Psicopedagogia pela FERP(1996). Professora mediadora do consórcio Cederj no curso de Licenciatura em Pedagogia da UERJ Bolsista Faperj e membro do grupo Grpesq Currículos cotidianos, imagens e sons coordenado pela professora Nilda Alves/UERJ.